

## Perfil epidemiológico dos pacientes tratados com oseltamivir e compatibilidade com Influenza (H1N1) no Rio Grande do Sul

Rafael Kochhan<sup>1</sup>, Bárbara Bento Girardi<sup>2</sup>, Pedro Alves D’Azevedo<sup>3</sup>, Marilina Assunta Bercini<sup>4</sup>, Tani Maria Schilling Ranieri Muratore<sup>5</sup>, Adriana Aparecida Paz (orientador)<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e Bolsista do PET-Saúde/Vigilância em Saúde UFCSPA (PET-Saúde/VS-UFCSPA), <sup>2</sup>Estudante de Fonoaudiologia da UFCSPA e Bolsista do PET-Saúde/VS-UFCSPA, <sup>3</sup>Professor do Curso de Farmácia da UFCSPA e Tutor do PET-Saúde/VS-UFCSPA, <sup>4</sup>Médica, Chefe da Divisão de Vigilância Epidemiológica do Centro Estadual de Vigilância em Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (DVE-CEVS/SES-RS) e Preceptora do PET-Saúde/VS-UFCSPA, <sup>5</sup>Enfermeira da DVE-CEVS/SES-RS e Preceptora do PET-Saúde/VS-UFCSPA, <sup>6</sup>Professorado Curso de Enfermagem da UFCSPA e Coordenadora do PET-Saúde/VS-UFCSPA.

### Resumo

**Introdução:** Na pandemia de Influenza A (H1N1) constatou-se casos graves devido ao desfecho da Síndrome Respiratória Aguda Grave, que quando diagnosticado exigiu a hospitalização e cuidados intensivos. Tratando-se de epidemia sustentada, os casos de SRAG foram notificados e acompanhados pelo Centro Estadual de Vigilância Epidemiológica do Rio Grande do Sul. Outros casos considerados agudos sem severidade foram acolhidos ambulatorialmente e classificados como Síndrome Gripal, recebendo oseltamivir. **Objetivos:** Descrever o perfil epidemiológico dos pacientes com síndrome gripal compatível com H1N1 e tratados com oseltamivir em ambulatórios do Rio Grande do Sul, em 2009. **Métodos:** Estudo transversal retrospectivo, com população representada por pacientes residentes no Rio Grande do Sul com, diagnóstico clínico compatível com síndrome gripal (febre, tosse ou dor de garganta com duração máxima de cinco dias) e considerado como caso suspeito para H1N1. A coleta das informações ocorreu por meio das fichas de investigação epidemiológica que foram utilizadas para a dispensação ambulatorial de oseltamivir e atualmente tem-se a análise parcial de 12.313 casos. As variáveis analisadas estão disponíveis no formulário de notificação. Os aspectos éticos são respeitados, inclusive o anonimato dos municípios incluídos nas fichas atendendo aos critérios éticos sob parecer 10.667 do Comitê de Ética e Pesquisa da UFCSPA. **Resultados:** A análise dos dados atinge 62% do total estimado de 20.000 fichas de investigação que estão sendo digitadas no banco de dados. Dos 496 municípios que compõem

o Rio Grande do Sul, cerca de 220 municípios registraram pelo menos um indivíduo que necessitou usar oseltamivir, destacando maior representatividade Porto Alegre, São Gabriel, Santa Cruz do Sul, Canoas e Alvorada. Com relação aos sinais e sintomas apresentados pelos casos ambulatoriais, febre (89,3%) e tosse (88,4%) foram as manifestações mais frequentes, seguidos de mialgia (61,7%). Quanto à distribuição por sexo, observa-se preliminarmente que 54,7% dos casos ocorreram nas mulheres contra 45% nos homens, diferente do que aconteceu entre os casos graves (49% em homens e 51% em mulheres). As gestantes foram bastante acometidas e representaram 4,4% dos casos ambulatoriais, mas inferior ao percentual de gestantes entre os casos internados (8,2%). Quanto à faixa etária, à semelhança do que ocorreu com os casos graves da doença em 2009, por ora, os casos concentram-se nas faixas etárias mais velhas. Conclusão: É imprescindível destacar que analisar o banco de dados dos pacientes que receberam oseltamivir ambulatorialmente representa a possibilidade de ampliar o conhecimento da epidemiologia da H1N1, muito baseada na experiência com pacientes hospitalizados.